

Camillo Castello Branco

(Busto do distincto esculptor portuense snr. Diogo de Macedo)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Photo-Bazar

Deposito geral

Artigos fotograficos

Maquinas e acessorios:
chapas, papeis e produtos,
cartonagens e novidades.

— — — — —
Praça da Liberdade, 99—PORTO



Peçam o nosso catalogo n.º 10



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

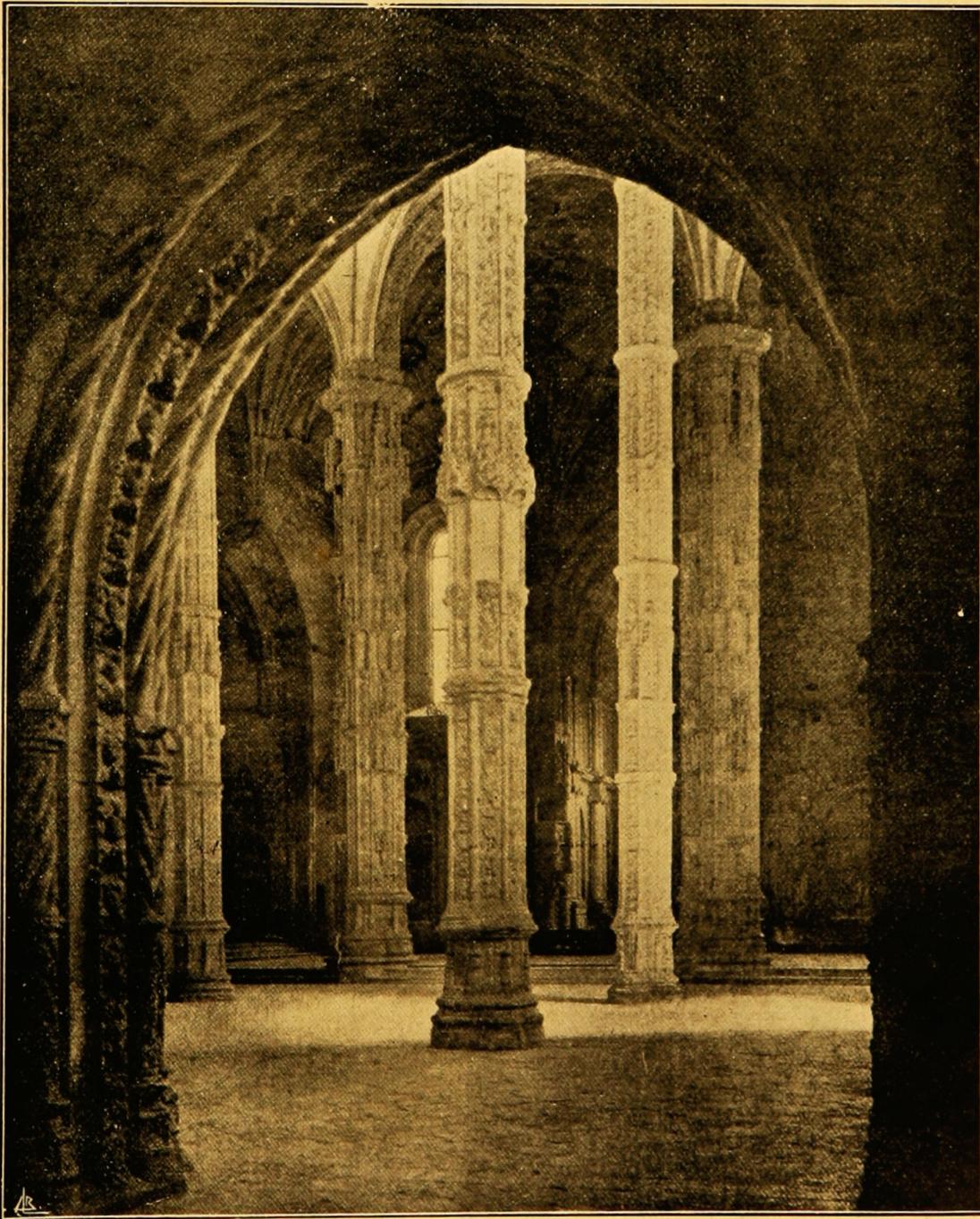
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 17 de abril de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 94—Anno II



LISBOA -- Interior da igreja dos Jeronymos

Chronica da Semana

CIII

«IN MEDIO...»

FICA reservado aos historiadores um interessante problema de nossos dias. Nada menos que explicar o volta-face dos políticos perante os catholicos portugueses.

Durante esse torvo periodo de decadencia e desagregação interna que desceu de 34 a 1910, n'este paiz á beira-mar, plantado de politicastros liberaes, o espectro que assustava os reis nos seus paços e os ministros na redoma dos gabinetes era aquelle denominado por todos os seus órgãos jornalisticos a *reacção clerical*. Monstro proteiforme que ora surgia entrapado nas vestes do *jasuista* ora trajava o dominó sujo d'um absolutismo de forças miguelistas, assim o viam os estadistas (e alguns o teriam sido) d'este Portugal de Offenbach e do Bandarra.

Longos annos arrastando nos templos, nas repartições, nas paradas solemnes, nas tapeçarias dos paços, sobre a macieza das purpuras, a sua gargalheira d'escravos predilectos, os catholicos, sempre que tentaram succidir o dorso foram logo mimoseados com bordoadas rijas, ou acalmados com o açamo das prerogativas regias ou com o narcotico brando dos privilegios ecclesiasticos. Esta situação prolongou-se muito, demasiado até, e quando a Republica bateu á porta das Necessidades deveria ter encontrado primeiro uma Carta Constitucional com tombas addicionaes, e a um canto da sala do Conselho de Estado, debaixo do tapete, esquecida como coisa incommoda, a Concordata...

E quando a voz de Pio IX recordava amargamente a lassidão dos fieis, amodorrados, apparecia logo nas gazetas um *authentic liberal* com ascendencia entroncada em costaneira miguelista a chamar «casmurro ao Papa e a Antonelli, jagodes» como dizia um espirituoso poeta a respeito das lições d'Alves da Veiga, na *laetitia bachalaurica* do seu curso universitario de 75.

Ainda a municipal não varria a tiro os republicanos que iam esperar ás *gares* os caudilhos, hoje em cacos, e já no Centenario Antonino, no de Vieira, no caso Calmon, no caso Sarah de Mattos e em outros, os catholicos eram, deante dos governos sorridentes ou complacentes, as victimas da Liberdade, n'esse tempo — *ó tempora!* — pintada d'azul e branca.

Ainda pouco antes da realza sahir para o exilio, uma boa parte dos politicos tinha medo de ser apodado de reaccionario pelo jornal do grande pensador Borges, e anteriormente, quando o *Portugal* reclamava o castigo de 1 de fevereiro, um principe descompunha o jornalista que n'aquella folha tratava de apurar perante o publico quem seriam os cumplices do Buiça!...

Isto tudo para dizermos que até ao 5 d'outubro foram os crentes a caixa de rufo dos sargentões da Liberdade, facto inegavel, como inegavel foi a logica do demagogo

Costa pondo em vigor contra os fieis os decretos de Pombal e Aguiar.

Não sei... Digamos tudo: a mentalidade dos velhos politicos não se transforma facilmente. Aos 50 ou 60 já ninguem geralmente muda d'ideias. Elles estão destinados, á falta d'outros, e por ser conveniente ao seu espirito que a rapaziada os não desminta e os não accuse, a occupar o quartel general dos exercitos da Restauração.

Em sua frente, a Republica apresenta uma série de grupos de cerebro embotado por um anti-clericalismo façanhudo, divergindo apenas uns dos outros por certas *nuances* de perfidia.

Deante de ambos, os catholicos procuraram agora definir o que queriam. E é de ver então o caso extranho e algo comico. Os velhos que ameaçavam Roma, curvando-se, como Affonso Costa a ameaçou de busto erguido, batendo o pé — ah! os velhos, não podendo dizer ainda o que será a monarchia d'amanhã, já passam a mão cariciante sobre os hombros dos fieis e prometttem-lhes todas as liberdades, tudo, tudo... comtanto que os fieis sejam seus amigos e — que diacho! — esperem um bocadinho pela Restauração que não tarda... guardando para então, sob a egide d'ella, a sua organização social... que custa isso?

Os partidarios da republica, esses, sentem bem que na hora suprema para o regimen, como a que passa, em que uma dictadura armada pretende demonstrar que a solução conservadora é possivel realizar-se dentro d'elle, — sentem bem que não podem fechar os olhos á acção politica e social dos catholicos. Não o dizem abertamente. Teem atraz de si quatro annos de banditismo devorista. Custa-lhes a romper a cadeia das suas tradições d'energumenos e a fazer-se homens de senso. Muitos d'elles já não o podem perceber. E ficam a esmoer palavradas de comicio. Mas o certo é que já não mostram os dentes aguçados de jacobinos em phobia delirante. A sua tactica é outra: afirmar e repetir incessantemente que a republica nada tem que ver com o democratismo perseguidor e desordeiro, que agora isto tudo ha-de ser outra coisa, quer mande Antonio José, quer domine Camacho...

— É os catholicos?

— Affirmam a sua neutralidade. Nem vão para uns nem para outros. Conhecem-os bem e de ha longo tempo. Não se faz vida a sonhar. O programma é de *realizações* immediatas e não se altera deante do inimigo republicano como não se modificará amanhã perante o throno da Restauração. Só pelo que uns e outros fizerem em materia de liberdade religiosa, será pautada a acção dos que a defendem.

Dizia-me isto ha pouco um illustre advogado catholico, apontando-me a pagina de um livro em que vinha citada a phrase de Windthorst: «Queremos a paz, se a pudermos obter. Senão no-la derdes, combateremos. E vós ireis a Canossa...»

E eu recordei aquellas esperanças doiradas que nos atordoavam a mente quando partimos para o combate jogando o futuro e o fogo do coração que estuava debaixo das nossas capas muito pretas e já rotas... Vocês lembram-se? Ha quatro annos... No *Imparcial*?...

Inda se não fallava de integralismo!

F. V.

VIDA INTENSA



litteratura cynematographica começa a abusar do genero policial. O roubo, a odysseia dos gatunos e a já tradicional astucia de todos os *detectives*, entra demasiado na urdidura infantil d'essas peças. E porque todos temos, em maior ou menor grau, uma parcella de romanticismo, essas scenas inverosimeis, anceadas de peripecias falsas e de detalhes novellescos, commovem, impressionam, subjagam.

A moral ingleza procurando substituir o romance d'aventuras.



PORTO — A festa das Dôres, nos Congregados

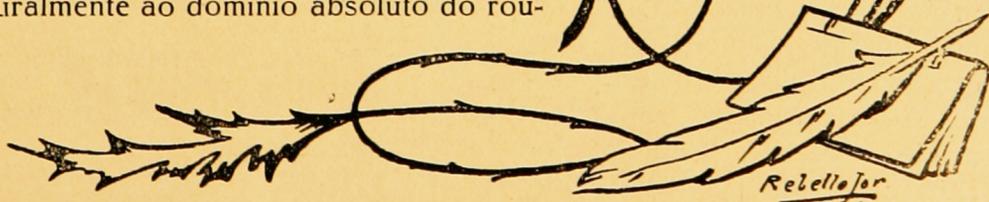
Grupo de senhoras que faziam parte da orchestra:

- 1.^o plano, sentadas: violinos, as exc.^{mas} snr.^{as} D. Catharina de Moraes Torres, D. Emilia Resende da Silva Dias, D. Maria Magdalena Magalhães Dantas da Gama; harpa, D. Maria Amelia de Paiva; violinos, D. Maria Amelia Maia Mendes.
- 2.^o plano, de pé: violinos, as exc.^{mas} snr.^{as} D. Beatriz Couto, D. Irene Fontoura de Madureira Guedes; orgão, D. Maria Helena de Carvalho; violinos, D. Laura d'Arthayeth Barbosa, D. Elvira d'Arthayeth Andrade, D. Adelaide Pizarro e D. Bertha Pereira da Costa.

nem sempre vasados nos mais decentes moldes consagrou o genero policial. Coynan Doyle, o imaginoso e habil novellista, creou a figura de Scherloch e foi como se n'esse momento se fundasse uma dynastia de *detectives* e de gatunos.

Surgiram então os Raffles de todos os feitios e os Lupins de todos os generos, os mais argutos Karters, as mais seductoras e audaciosas Miss Bostons e por toda a parte, no romance, no theatro, no *ecran* e na vida, em cada bom e pacifico homemzinho de Deus brotou o genio d'um policia, a audacia d'um ladrão.

Assim, se foi chegando naturalmente ao dominio absoluto do rou-



Rebello Jr



PORTO — A festa das Dôres, nos Congregados. Grupo de senhoras que fazem parte dos côros:

- 1.º plano, sentadas: as exc.^{mas} snr.^{as} D. Albertina Ferreira Gonçalves Sampaio, D. Lucinda Correia de Freitas, D. Maria Adelaide Barbosa Martins Megre, D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito, D. Aida Pereira da Costa Barreto, D. Maria Josephina de Carvalho Magalhães Wandschneider e D. Leopoldina Augusta Pinto Basto Kopke de Carvalho.
- 2.º plano, de pé: as exc.^{mas} snr.^{as} D. Emilia Queiroz Ribeiro, D. Georgina Pereira da Costa, D. Cecília Basto Lopes Correia, D. Irene Amaral Nogueira, D. Maria Amelia Villares, D. Graziella Andrade Borges, D. Beatriz Pinto Basto Gomes de Sá e D. Corina Pinto Basto Gomes de Sá.
- 3.º plano, *idem*: as exc.^{mas} snr.^{as} D. Luiza Guedes da Costa Ferreira, D. Carmen Dumont Villares, D. Maria Stella de Carvalho Neves, D. Candida Villares, D. Sophia Dumont Villares, D. Albertina Resende da Silva, D. Ignez de Castro Magalhães e D. Helena Marques de Sousa.

bo, como motivo theatral indispensavel, da obra cynematographica e todas as noites o publico, atravez do seu romanticismo, faz vibrar a corda tensa da sua anciedade.

Entretanto o cynematographo, que só procura distrahir, interessar, prender a attenção a esse fio tenue de dramatisação ingenua, desmoralisa, preverte. Toda aquella série d'assaltos, sempre impunes, d'arrombamentos engenhosos, de golpes habéis, são para a multidão ignorante simples, a semente damninha d'uma doutrina de crime.

O cynematographo é uma cathedra de preversão, onde se projectam os mais variados, os mais subtis e modernos processos de roubar e matar.

A auctoridade tem fatalmente d'intervir. Ou prohibe essa constante exhibição, que



A exc.^{ma} snr.^a D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito. distincta professora de canto

começa a ser perigosa ou representa ao Ministerio da Instrucção para que organise essa nova faculdade e com methodo então se ministre o ensino profissional, n'esse novo estabelecimento a que se poderá e deve chamar — Escola superior do crime.

Os emprezarios é provavel que não gostem; os candidatos ao roubo é que vão rejubilar e a... abrir termo de matricula.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

PORTO -- A festa das Dôres, nos Congregados

Esta solemnidade religiosa, que costuma ser uma das principaes festas da Quaresma, este anno sobresauiu d'um modo admiravel pelos elementos que a ella se reuniram.

As nossas gravuras indicam as senhoras que constituiram os grupos musicaes que tomaram parte na festa e a sua principal organisadora a distincta professora de canto, excellentissima senhora D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito.

MATER AMABILIS

A' Virgem Maria Senhora dos Prazeres Nossos

(PARA OS CHERUBINS CANTAREM)

Como o vento que ruge e é depois beijo,
Leque da palma e refrigerio á messe,
Como escarcéo feito ai, gemido, arquejo,
Como a blasphemia que se volve em prece...

Assim tambem, Mãe Linda! o meu desejo
Fôra abraçar na Fé que hoje arrefece,
Mundos e sóes e tudo que fallece,
Que se faz sombra vil, paul, e brejo.

Quizera os milhões d'astros em granel
Fundir n'um rico, um deslumbrante annel,
Como o annel de um *Rajah*, amante e louco.

E ao dar-te esses mil sóes, mil universos,
Com meus olhos chorar, em choro immersos:
—Ai de mim!... Ai de mim!... Inda é tão pouco!

GOMES LEAL.

Intimo

A's vezes, ando nervosa,
Triste, como nem eu sei...
Inquieta e melindrosa,
Sem saber o que farei.

Sem par e desgraciosa,
Senhor, o que é que terei?
Sou mais debil do que a rosa
E tenho o orgulho de um rei.

Nada me falta; porém,
Não sei que minha alma tem,
Que eu nunca me vi assim...

Tudo me sorri, mas eu,
Vejo negro o proprio ceu
E até duvido de mim!

FRANCISCO SEQUEIRA.

Durante a guerra

V

CAXAPY!

∞∞

QUE demonio de titulo é este? E' japonéz? E' hindustânico? E' usado em Malta, em Jaffa, em Nazareth, no Egypto?

Não, senhores! Alli onde o vêem é... portuguez e russo, e suei as estopinhas para encontrar em russo uma palavra que os typographos da *Illustração Catholica* podessem compor usando exactamente as mesmas letras que os seus collegas de Petrogrado, Moscow ou Ivangorod. Tratei do japonéz n'outros serões; continuemos hoje a nossa cavaqueira amena falando do russo, que eu estudei ha tres annos, para passar o tempo do exilio.

Os leitores d'estes serões já sabem, porque lh'o eu disse o anno passado, que o alphabeto russo tem 36 letras e o valor das que tem a mesma forma no nosso nem sempre é igual nas duas linguas. D'ahi a difficuldade que eu tive em dar com uma palavra que, composta n'uma typographia portugueza, podesse ser lida correctamente na Russia. Essa palavra é *Caxapy!* E depois da *chavena* de chá japonéz, que

offereci aos leitores, que outra mais a proposito podia eu achar? Ora vejam: o leitor leu á portugueza *ca-cá*. Pois faça favor de ler como se fosse *ça-ça*. O *c* em russo é *s*, signal que lá não existe. Hespanha é *Içpania*, e pinheiro, por exemplo, escreve-se *cochá* e lê-se *saçná* — e aproveite o leitor a occasião de ir vendo que o que lhe parecia o soou como *a* e o que era *h* soou como *n!*

Temos, pois, que a primeira syllaba do meu titulo é *ça*. A segunda tambem tem que se lhe diga! Aquelle *x* que em portuguez já sôa de varios modos, é em russo o equivalente aproximado do jota hespanhol: *mujer*, *ojo*, *jaleo*. De maneira que não tem equivalente em portuguez, mas podemos adoptar a graphia *cch* e

obteremos já: *çaccha*. Investindo agora com a terceira syllaba *py*, tenha tento o leitor porque a primeira letra, que lhe parece um *p* é um *r* — e não é culpa minha, como tambem o não é se a segunda, que lhe parece um *y* grego, deve soar *u* e não *i* como no *Kyrie eleison* da missa. Lendo agora a palavra toda, com o denodo d'um cossaco, o leitor encontra: *çaccharu*, que vem a ser o accusativo de *çacchar*, que entra em todos os productos *saccharinos*, pois é muito simplesmente o nosso *açucar*... para a *chavena* de chá japonéz.

Aqui desfecha-me o leitor tres perguntas e queima roupa, se *caxapy* é o accusativo di-assucar porque não poz você no titulo o nome nativo, que era mais simples? Se *c* é *s*, porqua escreveu *açucar* e não *assucar*, como toda á gente? Se a palavra é *çacchar*, porque lhe pomos nós o penduricalho do *a* no principio?

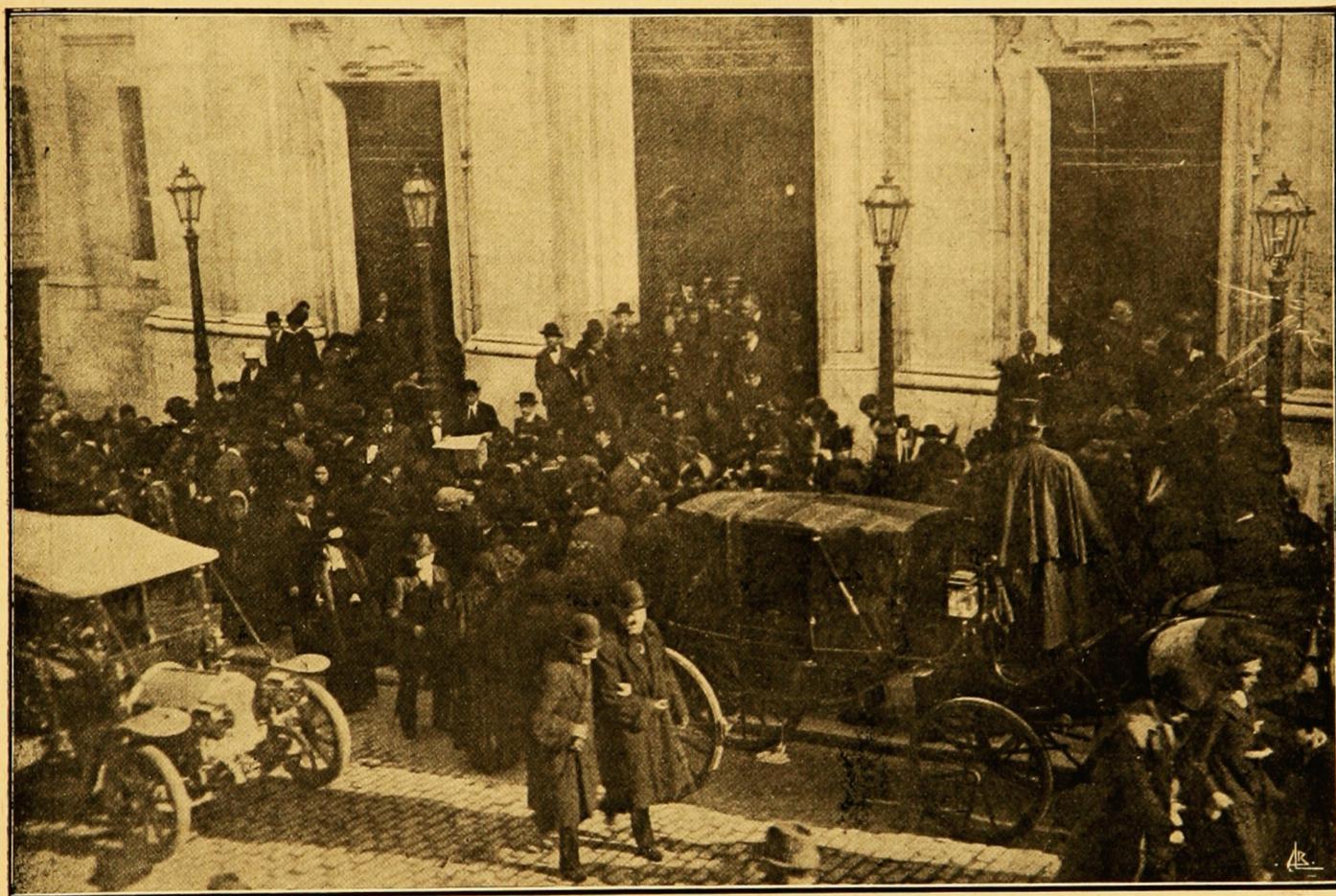
Louvando a curiosidade do leitor, peço venia para responder: que não puz o nominativo, porque em russo, além de letras viradas e trocadas, ha outros dois signaes, que não temos em portuguez; foi para evitar um d'elles, que eu recorri ao accusativo onde elle, presente no nominativo, desaparece. Quanto ao *açucar* e não *assucar*, pergunte-o o leitor ao snr. Candido de Figueiredo; elle dá-lhe a razão, que por ser séria não cabe nos moldes d'esta secção destinada especialmente a futilidades eruditas. Como o *açucar* temos em russo *çapagui* e *çapójnik* semelhante em forma e sentido ao *çapato* e *çapateiro*. A' terceira pergunta respondendo que o penduricalho do *a*, no principio, que se vê em portuguez e hespanhol e não no *sucre* francez, nem *zuccher* italiano, nem no *sugar* inglez, etc. — é uma veneravel reliquia do tempo dos arabes: é o artigo *al*. É ponto em coisas sérias, que nos levariam muito longe.

No entretenimento que vou offerecer aos leitores procurarei translitterar o russo procurando, quanto possivel, reproduzir os sons e não as letras, pois muitas não existem em portuguez. E que lhes direi do russo? Antes de fallar da lingua, propriamente, devo desvanecer uma ideia que muitos dos leitores devem ter:

pelo facto de ser tão distante de nós a Russia, cuidam elles que são rarissimas as palavras communs ao russo e ao portuguez. E' facil convence-los do contrario, praticamente, sem ser preciso desenvolver aqui uma dissertação sobre o parentesco do russo e do portuguez, como membros que ambas as linguas são da familia indo-europeia.

Decerto, se o leitor conhecesse as leis phoneticas das linguas arianas, o numero de palavras russas que logo á primeira vista poderia decifrar sem esforço, seria enorme. Mas eu convido um leitor qualquer, que nunca pegou n'um livro de grammatica comparativa das linguas arianas, a vir commigo a um acampamento russo—já que estamos em guerra. A cada passo ouviria estas palavras russas que nem

Uns exemplos das outras palavras que com alguma pratica de philologia comparada o leitor decifraria: *malacó* significa leite, o que não deveria surprehender quem conhecesse o *milk* inglez (leite) onde se vêem as mesmas consoan-*m l c*. Assim o *cold* inglez (frio) surge-nos em russo: *jólat* pronunciando o *j* á hespanhola, e como o *j* hespanhol é um *c* aspirado e o *t* de *jólat* é na escripta um *d* (que sôa *t* por ter um dos taes signaes, como o nominativo de *açucar*) cá temos, afinal as mesmas consoantes: *c l d* de *cold* em *c(h)ólod*, que é como se escreve, e que nós temos na palavra *gélido*; *asiól* russo (burro) qualquer principiante descobre o *as* do radical de *asno*. Ouvindo uma dama russa falar da sua *iupka*, (saia) a leitora atilada suspeita logo (e acerta) que sendo o *ka* uma termi-



LISBOA — Os fieis sahindo da igreja dos Martyres depois das ceremonias da Semana Santa

precisa traduzir: *bómba*, *bataliôn*, *bataréia* (bateria), *basa* (base), *binocl*, *brigada*, *signal*, *arsenal*, *ataka* (ataque), *frontalnaia ataka* (ataque), *massa*, *general*, *galop*, *guarnison* (guarnição), *carta* (geographica), *recrut*, *mina*, *saldat* (soldado), *spora* (esposa), *spion* (espião), *trancheira* (trincheira), e dezenas de outras, quasi todas tomadas do francez. Evitei muitas que com dois minutos de reflexão se desmascariam, taes como: *pica* (pique, lança), *manevr* (manœuvre: manobra), *casarma* (caserna), *amunticia* (munição), *camanda* (commando), *intendanstva* (intendencia, administração), *campaç* (compasso), *desertir* (desertor), *gubernátar* (governador), *martira* (morteiro), etc., etc., etc., — pois sem sair do acampamento, e só em termos militares, encontraria varias dezenas mais.

nação usual, o *iup*, escripto *iub*, é o francez *jupe* (saia) e, afinal, o nosso *jub* de *jubão*, etc. Se ella fallasse de *tulli*, entendia logo: pantufas, assim como se lhe ouvisse *briuk* podia logo entender que ella se referia ás calças do marido, lembrando-se das nossas *bragas*: não se pescam trutas a bragas enxutas! Se não fosse improprio d'este logar ficar com as bragas na mão, diria agora aqui, sobre esta palavra *bragas*, coisas interessantissimas, porque o termo anda disfarçado por quasi todas as linguas da Europa.

E a proposito de disfarces: acreditará o leitor que o russo *valk* é o nosso *lobo*? Pois é como lhes digo. O bicho chamava-se em latim *lupus*, que deu em provençal *lup* e *lop*, em italiano *lupo*, em hespanhol e portuguez *lobo*.

em catalão *llop*, em francez *loup*, e *louve* (feminino), no dialecto do Berry *laube*, e na Picardia e no wallão da Belgica *leu*. Em grego era *lukos*—e se o leitor franzir o sobr'olho é porque não sabe que a equivalencia de *p* e *k* é coisa sabida em philologia. O *lukos* grego teve, antes de chegar áquella forma, um digamma inicial, qualquer coisa assim como um *f* ou *v*—*vlukos* como o attestam os nomes do bicho n'outras linguas, por exemplo o lithuano *vilka*, o antigo slavo *vluku*, o actual russo *valk*, o inglez *wolf*, o allemão *wulf*, o hungaro *farcas*—representadas no remotissimo oriente pelo antigo persa *varka* e o sanscrito *vrika*.

Eu bem sei que o leitor alheio ás combina-

FIGURAS DA BEIRA

(SEGUNDA SERIE)

Visconde de Guedes Teixeira

XVIII

○○

E

volveram tres mezes. O enfermo ora parecia triumphar da morte implacavel, ora se abeirava do tumulo. A lueta era gigantesca, travada sem treguas nem desalentos. E a familia e os amigos tinham quasi todos os dias um boletim d'essa verdadeira e encarnçada batalha, soffrendo angus-



LISBOA — A chegada dos prisioneiros implicados nos graves acontecimentos das Caldas da Rainha. A' frente + o pharmaceutico que deitou as bombas á passagem da procissão de que resultou uma morte e varios ferimentos (Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

ções do laboratorio linguistico acha duro de tragar que o nosso *lobo* e o hungaro *farcas*, sem uma unica lettra em commum, sejam uma e a mesma palavra, e desconfia muito quando vê mudar a ordem das lettras (*varka* e *vlaka*)—introduzir novas lettras (o *f* ou *v*) e trocar as vogaes: *lo*, *lu*, *loup*, *leu*, *li*, etc. Mas tenha paciencia: é a pura verdade. Não temos nós, como já vimos, *dia*, vindo de *dies*, como de *dies* veio *jour* francez que não tem lettra alguma em commum com o nosso *dia*? Não dizemos nós *levantar* e *alevantar*? Não temos nós *escuma* e *espuma*? Não fazemos nós *raio* de *radium*? Não fizemos nós *bacalhau* de *kabeljavo*! e *carpinteiro* de *carpentarius*? Pois então... boa noite!

ARTHUR BIVAR.

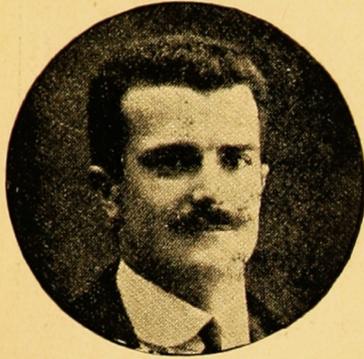
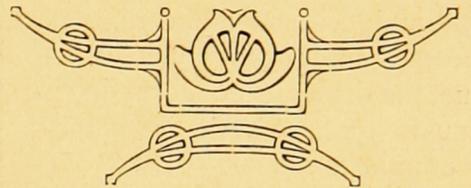
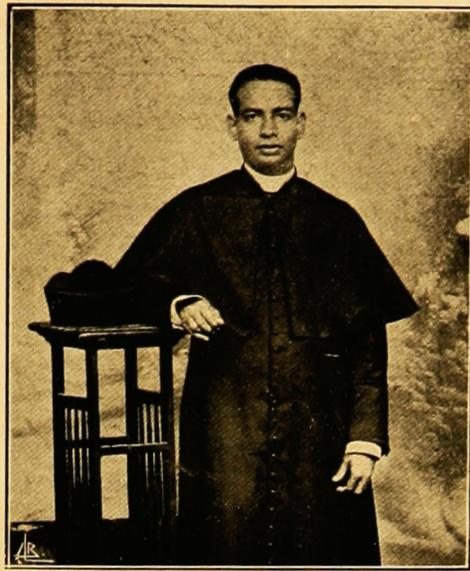
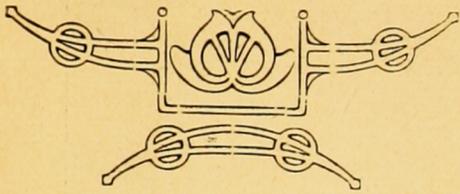
tias e colhendo esperanças, fazendo votos, preces, generosos sonhos de victoria e alegria.

N'estas ancias, n'esta successão alternada de desgostos e jubilos, entrou o anno de 1890, sem que se perdesse a esperanza ou se desvanescesse o receio.

Assim decorreu quasi todo o mez de janeiro.

Ao findar este mez, os boletins eram ineffavelmente alentadores. O enfermo melhorava. Estava vencido o duello formidavel com o que já parecia fatalidade.

Não se descreve o alvorço festivo da esposa, dos filhos e dos amigos. Uma resurreição—commentavam. O Visconde advinhara. A sua salvação estava em França.



Dr. João Telo de Magalhães Colaço

Novo professor assistente da Faculdade de Direito, da Universidade de Coimbra

P.º Antonio Caetano Francisco Vaz

Presbytero da ultima ordenação havida na archidiocese patriarchal de Gôa. Celebrou a sua primeira missa em 6 de janeiro d'este anno na igreja do antigo convento carmelita do Pilar na India Portugueza

Dr. Domingos Ferraz Vital

Novo professor assistente da Faculdade de Direito, da Universidade de Coimbra

É agora era preciso preparar-lhe uma bella e tranquilla convalescença em Portugal. Decerto na Primavera, tão linda no meio dia, elle já devia aspirar o oxygenio das montanhas da patria, vendo florir da Terra com fulgor e doçura sem par.

Mas, de golpe, um telegramma fulminante: *complicações imprevistas, estado desesperado...* A angustia nem deixou chorar a esposa e a filha, então com 15 annos deliciosos. Seguiram logo para França, acompanhadas pelo parente

disveladissimo que é Joaquim Guedes de Magalhães.

Dois de fevereiro. Estão os viajantes em Chateau de Suresne. O doente? O moribundo. ao menos? Encontraram já um cadaver. Chegaram pelo meio da tarde. O Visconde expirara ás 6 horas da manhã d'esse mesmo dia.

Que lhes restava fazer? Chorar sobre o irremediavel, dizendo o ultimo adeus a quem decerto já não ouvia nem despedidas nem soluços, a quem se finara longe da patria, sem ter



BRAGA — A Visita Paschal na cidade

O rev. João Narciso d'Azevedo, parochio da Sé, e comitiva na occasião de dar as boas festas aos seus parochianos

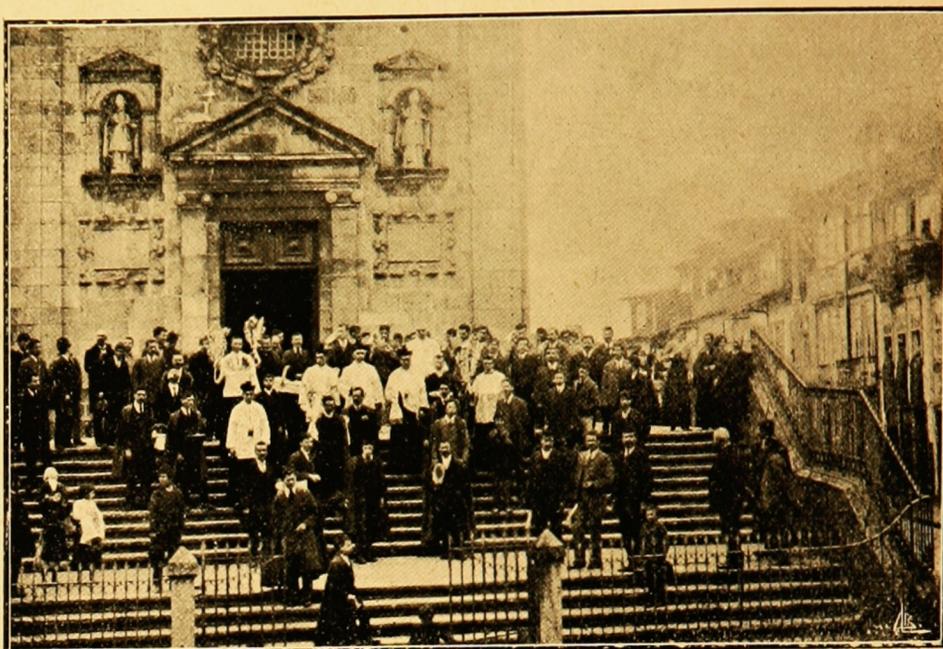


ao lado a esposa e os filhos, um amigo, uma alma que, na mesma linguagem que era a sua, lhe dissesse ao coração exaustado quanto seria respeitada e amada a sua memoria.

O Visconde de Guedes Teixeira morria com 46 annos e 47 dias.

O cadaver veio para Portugal, indo esperar o feretro a Salamanca muitos amigos e admiradores do extinto.

E, sabido o cruel golpe, a cidade de Lamego consternou-se como ella propria antes suporia. Muitas damas foram esperar o feretro, a viuva e a filha, os amigos inconsolaveis, a uma das estações da linha do Douro. Os politicos baixaram as armas. A imprensa esque-



BRAGA—A visita paschal na freguezia de S. Victor.
O rev. Padre Roberto Maciel, parochio da freguezia, sahindo da igreja parochial com mais alguns ecclesiasticos



O rev. Antonio Gomes d'Amorim, parochio da freguezia de S. José de S. Lazaro e o seu coadjuctor, junto da igreja parochial no momento de sahir a visitar os seus parochianos

fria? Creio que sim, embora o projectado e justo monumento nunca se levantasse, parecendo, pois, que nem a morte de tão grande cidadão desarmava a má vontade de muitos e estimulava a indolencia de outros.

O Visconde de Guedes fôra principalmente homem de acção, mas com predicados complexos e raros. Se no seu partido a palma da eloquencia, pertencia ao dr. Miguel Moreira, elle era tambem eloquente; se a palma da poesia era de Antonio A. d'Andrade ou de Francisco de Menezes, elle era tambem poeta; se a palma do senso pratico podia

ceu o faciosismo. Até eu, humilde, mas refractario a hyperboles, dediquei ao Visconde, o artigo *Cidade de Luto* e que, publicado no *Cosmopolita*, me valeu a generosa, a inolvidavel amizade do dr. Cassiano Pinto Neves.

Da Regoa a Lamego — 13 kilometros — pessoas de todas as cathogorias acompanharam os restos do grande extinto.

Na tarde de 11 de fevereiro depositaram-no no templo das Chagas, imponentemente coberto de crepes. E os seus funeraes foram extraordinarios de sentimento e pompa.

Lamego teve a noção perfeita da grande perda que sof-



O rev. Manuel d'Araujo, parochio da freguezia da Cividade, acompanhado do clero da freguezia, antes da visita paschal

pertencer ao Conde d'Alpendurada ou ao dr. João Mendes, elle era tambem positivo e profundo de vistas.

E o que elle foi, como nenhum d'elles — a fé e o amor-patrio até á extrema abnegação — não o diz ainda a Historia, mesmo porque, em

tempos de gelado scepticismo, as grandes figuras estão como que escondidas pelo pó—felizmente passageiro—de estrepitosas e invejosas cavalgadas...

JOSÉ AGOSTINHO.

NAS CALDAS DAS TAYPAS

Solemne inauguração d'um templo

MIMOSA, cheia de inconfundivel brilhantismo a festa realisada no domingo passado na risonha villa das Taypas, que encantadoramente reclina nas margens do Ave, as suas louçanias.

A benemerencia do Exc.^{mo} Conde de Agrolongo dotou a bella povoação de uma egreja formosa e esbelta cortada nos moldes classicos do estylo bysantino, modificado algum tanto pelas exigencias do gosto moderno.

Tratava-se da benção e inauguração d'essa egreja, e o Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz, comparecia n'essa imponente festa. Tanto bastou para que accorressem ás Taypas

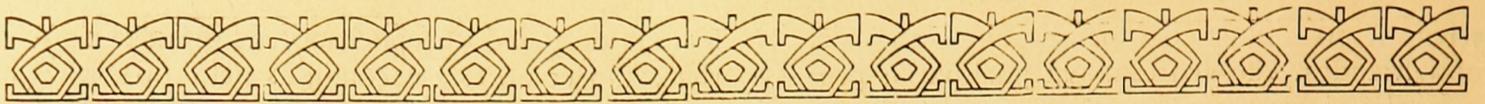
innumeraveis pessoas, que de Braga, de Guimarães e outras terras alli se fizeram transportar.

Taypas esteve em festa, como bem o demonstram as photographias que n'este numero publicamos, de clichés especialmente tirados pelo nosso photographo para esta revista. Taypas esteve em festa saudando o illustre Antistite bracarense e o nobre Conde de Agrolongo, tomando parte com religiosa attenção nas ceremonias da benção do novo templo e nas festas religiosas que se lhe seguiram.

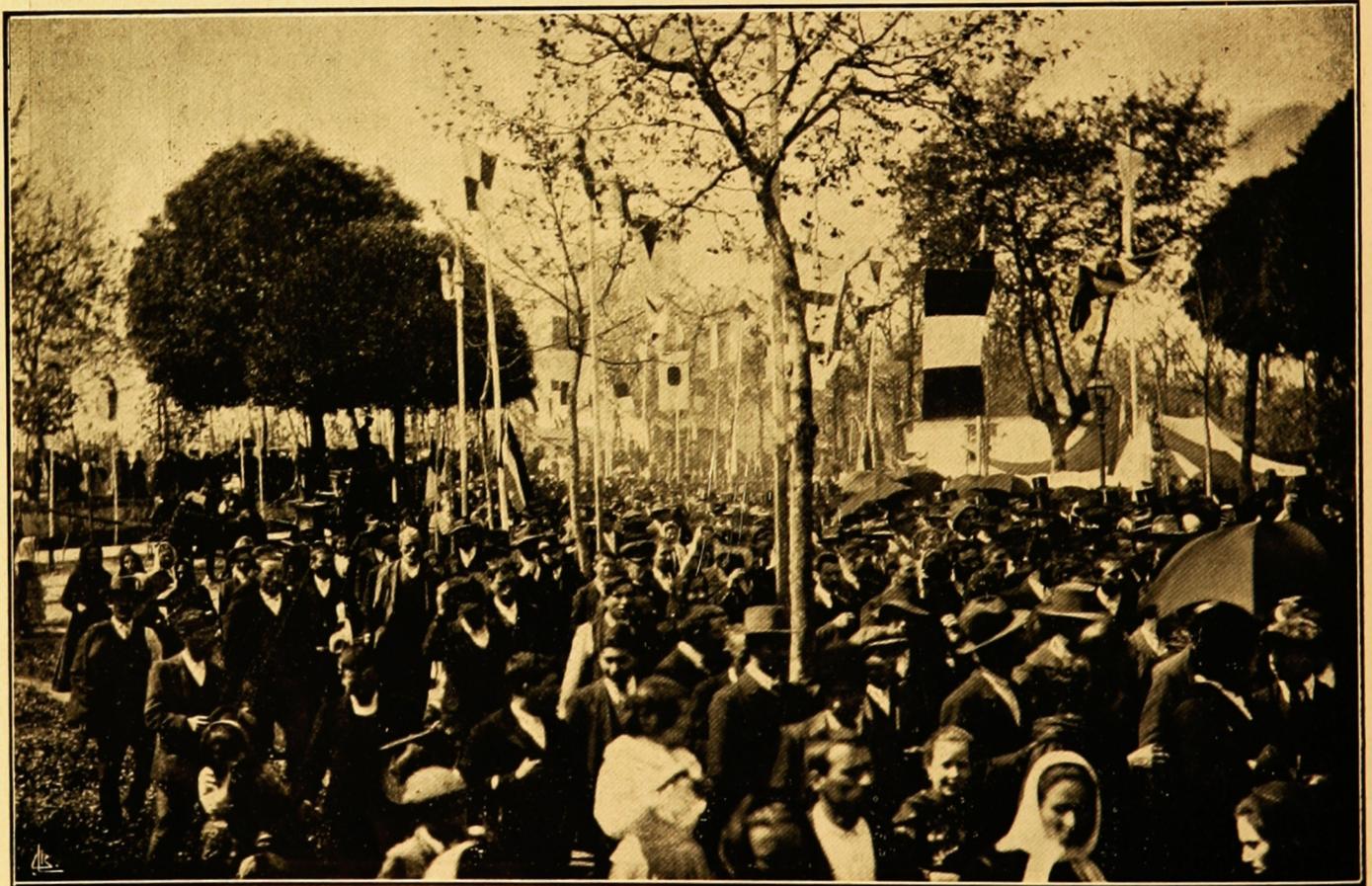
Manifestação brilhantissima de fé e de piedade, a que vimos referindo foi tambem uma



A chegada do Senhor Arcebispo Primaz e do snr. Conde de Agrolongo ás Caldas das Taypas, onde os dois illustres visitantes foram alvo d'uma carinhosa recepção



CALDAS DAS TAYPAS—O Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Manuel Vieira de Mattos, venerando prelado de Braga e snr. Conde de Agrolongo, seguidos da commissão dos festejos a caminho da nova igreja parochial



O segu'ndo povo em direcção á igreja



vassallagem de carinhoso preito ao Ex.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz e de sentida homenagem ao snr. Conde de Agrolongo.

O entusiasmo da recepção foi indescriptivel; um espectáculo soberbo e impressionante!

No fim das cerimoniaes effectuadas na igreja parochial, effectuou-se um almoço no Grande Hotel, que a commissão dos festejos offereceu ao Ex.^{mo} Senhor Arcebispo Primaz, Conde de Agrolongo e diversos convidados.

Ao Champagne fizeram-se brindes, todos muito commovidos e elegantes. O do nosso illustre Arcebispo foi coroado de vibrantes applausos. Durante elle refe-



riu com elogio a obra do snr. Conde terminando assim: Eu brado ao snr. Conde de Agrolongo, symbolo da caridade; ao snr. commandante d'infantaria n.º 20, symbolo da força; ao snr. dr. Pedro Guimarães, administrador do concelho de Guimarães, symbolo da auctoridade.

O snr. Conde tambem fez um formoso agradecimento das manifestações que lhe faziam.

*

De tarde sahiu de S. Martinho de Sande, em direcção á nova igreja uma procissão transportando para ella as imagens do Sagrado Coração de Jesus e da Immaculada



Conceição, tambem offerecidas pelo snr. Conde.

Nos festejos desempenharam a parte musical a Tuna da J. C. de Guimarães e quatro bandas de musica.

Tal foi nos seus traços geraes a festa evocada pelas photographias que hoje publicamos.

- 1) CALDAS DAS TAYPAS — A nova igreja parochial mandada construir pelo grande benemerito snr. Conde de Agrolongo.
- 2) O povo entrando na nova igreja parochial.
- 3) A tuna da Juventude Catholica de Guimarães que tomou parte nas festas.



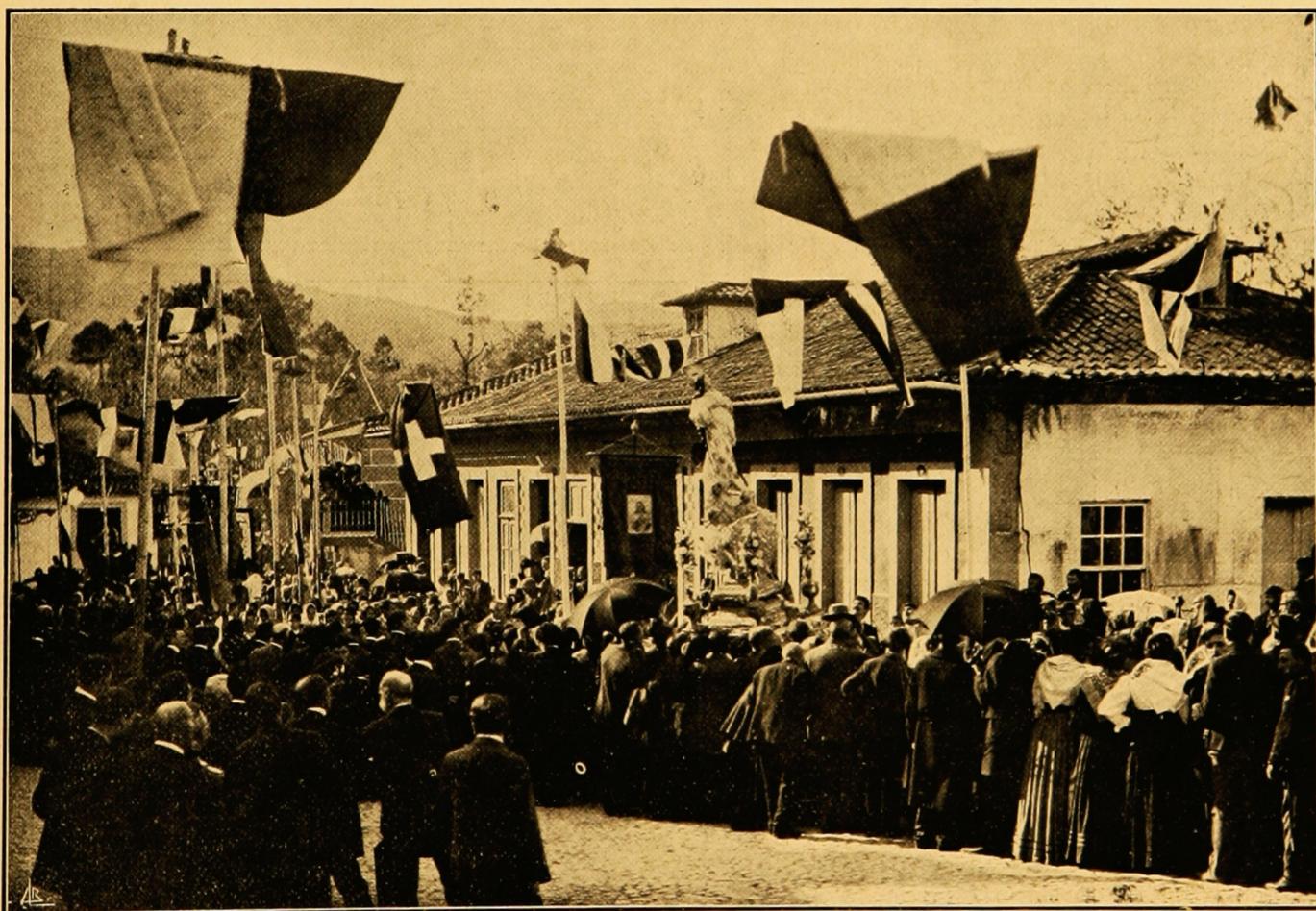
CALDAS DAS TAYPAS — O Senhor Arcebispo e o snr. Conde d'Agrolongo sahindo da igreja depois da benção



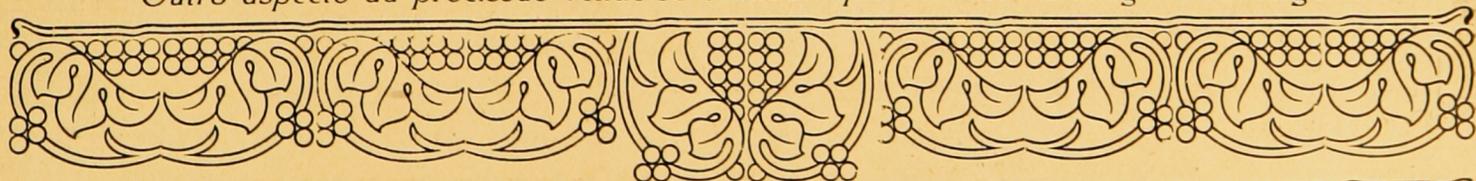
Um aspecto do cortejo organizado depois da benção da igreja parochial vendo-se o Senhor Arcebispo Primaz e o snr. Conde d'Agrolongo acompanhados d'um grupo d'anjos que cantavam o hymno do grande benemerito



CALDAS DAS TAYPAS—Um aspecto da imponente procissão que conduziu para a nova igreja parochial as duas imagens offerecidas pelo snr. Conde de Agrolongo



Outro aspecto da procissão vendo-se o andor que conduzia a imagem da Virgem





CALDAS DAS TAYPAS — Um grupo de admiradores do snr. Conde d'Agrolongo residentes em Braga e Guimarães que foram assistir às grandiosas festas realizadas em sua honra



A casa do exc.^{mo} snr. general Osorio d'Aragão, ornamentada para a passagem de Sua Exc.^a Rev.^{ma} o Senhor Arcebispo Primaz e do snr. Conde d'Agrolongo